



## Jubileu de Ruy Barbosa

## Últimas palavras de alguns homens celebres.



A 13 de Agosto fez 50 annos que Ruy Barbosa pronouciou na Bahia, o seu primeiro discurso.

Para commemorar essa data, o Brasil inteiro realizou significativas festas, puras homenagens ao talento do respeitavel juriconsulto, cuja cultura o sagra o mais lidimo representante do genio latino nas terras americanas.

A França, uma vez, festejou retumbantemente o estro de Victor Hugo; o admiravel autor dos *Châtiments*, então já velho, viu desfilar por diante da sua janella, milhares e milhares de compatriotas que saudavam nelle o maior poeta do seculo. Em 1889, em Granada, o povo espanhol coroou o inspirado autor do *Don Juan Tenorio*, José Zorrilla y Moral, cujos admiraveis versos enchem de encanto e sonho a heroica alma espanhola.

São, porém, raras essas consagrações dos grandes homens, durante a vida dos mesmos. E, quando elles chegam a recebê-las, é porque muito lhes deve o coração e o espirito dos seus concidadãos.

E' o caso de Ruy Barbosa.

O omnisciente velhinho é a representação da grande alma brasileira, sempre entusiasta e sempre ao lado da Justiça. Na campanha das letras, Ruy Barbosa soube conseguir o primeiro logar entre os seus pares. Ventilando os mais variados assumptos, a sua penna de ouro se satura do mesmo verbo imponente que, na antiga Roma, tagantava a Injustiça e o Erro pela grandiloqua voz de Cicero.

Conhecedor profundo das auríferas jazidas da lingua portugueza, dellas extrae o finissimo metal com que trabalha os seus largos e sonoros periodos, que constituem a inveja, daquelles que, no desgraçado labor da penna, sonham dizer os seus pensamentos numa fôrma lapidar...

Festejando o jubileu literario do seu amado e illustre filho, o Brasil demonstrou quanto o aprecia e lhe quer.

Salve, Ruy Barbosa!

«Vou ter com Buffon», disse Lacépède ao morrer, victimado pela variola.

Scarron que sempre riu da vida, disse tambem, ao expirar: «Nunca pensei que fôsse tão facil rir da morte...»

Rabelais, depois de receber a extrema-uncção, respondeu ao amigo que lhe perguntava como se sentia: «Estou prompto para a grande jornada; acabam de engraxar-me as botas.»

O marechal de Saxe, ao exhalar o ultimo suspiro, murmurou, sorrindo: «Foi curto o sonho; mas como foi bello!»

As ultimas palavras de Byron, foram: «Vou dormir agora.»

Lyndhurst balbuciu apenas: «Tenho somno...»

Schiller, já no limiar da outra vida, ouviu que lhe perguntavam como estava passando; e respondeu: «Calmo, cada vez mais calmo...»

Poucos minutos antes de morrer, Keats dizia a um amigo: «Já estou sentindo as boninas crescerem por cima de mim.»

Richter, com o derradeiro suspiro apenas murmurou estas palavras: «E' tempo de descançar.»

As ultimas palavras de Frederico II, foram: «Deixe bater o pulso como quizer; nós bem sabemos que não faltará a misericordia de Deus.»

Quando o filho de Fichte se aproximou do pai moribundo com um medicamento, disse-lhe este: «Deixa, já não preciso de remédios; sinto que estou bom.»

As derradeiras palavras de Washington, foram simplesmente estas: «Está bem!»

Napoleão, pouco antes de morrer, como que um pesadello, em que de certo entrevia o tumulto de uma batalha, porque a sua ultima palavra foi um brado mutilar: «Vanguarda!...»

Quando o carrasco que devia executar a Sir Walter Raleigh lhe disse que voltasse a cabeça para o oriente, o valoroso fidalgo lhe retrucou: «Não importa de que lado esteja a cabeça, si o coração está firme!»

# A' margem do Korão

Mahomet apanhou da mão virginal do archanjo Gabriel os mais fecundos e salutareos cachações, de que ha noticia em todos os tempos.

A isto, diz-se, attribuem os mahometanos a sciencia e inspiração, que surgiu a subitas do cerebro do propheta, desnudado antes de quaesquer atavios litterarios.

Os sabios de Europa, na faina de diluir os confeitos multicores que enfeitam o complexo bolo da metaphysica oriental, descobriram impiedosamente que Mahomet devia a sua argucia e sabença, menos á bordoadá do anjo, que aos vinte e tantos annos de recolhimento passados á sombra e estudo dos textos de Moysés e da doutrina amantissima do Christo.

Como quer que seja, porem, Mahomet incontestavelmente foi o mais habil e intelligente thaumaturgo de quantos disseram revelações em plagas asiaticas.

Moysés, na exhaustiva jornada pelo deserto, houve de lutar com o animo acovardado de um povo inteiro, que se abastardara em varios seculos de um captiveiro ignominioso. Valeu-lhe, entretanto, o titulo de salvador para couraça-lo contra a desconfiança e a ingratição daquella gente tão insatisfeita, que, embora entupida até as ventas de manna celestial, inda arrotava saudades pelas panellas das viandas egypcias.

Mahomet não teve titulo nenhum de apresentação, para impôr as suas crenças. Agiu simplesmente armado de audacia, temperada por uma grande labia, e com ella vingou desfibrar a triumphante iconocracia, radicada em todos os espiritos, cultuada em todos os lares e protegida pela altiva independencia característica de todas as tribus nomades da Arabia.

A lassidão dos hebreus foi remedio, por veses, a tremendissima pintura que lhes fez Moysés do aspecto de Jehovah, a par da descripção das delicias materiais que os esperavam na Terra da Promissão.

E um monstruoso cacho de uvas e uns figos e romãs descommunais, irrazidos de Chanaan pelos espias de Moysés, ter-lhes-iam sido razão ponderosa para tentarem a conquista da nova terra, se os mensageiros não cahissem na tolice de dizer que tais frutos eram engolidos por buchos de gigantes desconformes.

Mas a independencia e altivez dos ismaelitas era de molde a se não conformar com tão raos argumentos; e a mais descabellada ideia do conspecto de Allah seria insufficiente a quem estava seguro da virtude de seus deuses e acostumado a enfrentar as lutas da vida nomade.

Mahomet não tinha terra para prometter-lhes, nem os arabes, conhecedoras de todos os oasis do deserto, jamais trocariam por nenhuns frutos conhecidos as quentes delicias provadas na polygamia de seus harens.

Foi mister ao propheta inventar promessas mais tentadoras, que lhes não mostrasse intenção de afasta-los do deserto e da vida errante, que amavam, e lhes satisfizesse conjuntamente a insaciavel sensualidade de seu temperamento.

Depois de uma série de tropeços e desventuras amargas provadas pelo apostolo, segundo narram copiosamente os doutores muçulmanos; perseguido que foi pelos coreishitas, escurraçado pelo mysonismo popular, conseguiu alliar-se a judeos e chefes de Medina, donde sahiu a sovar os inimigos por conta de Allah e por sua propria.

Para propagar-se, a nova religião precisava de pecunia, como tudo neste mundo. O atilado thaumaturgo, que a este tempo já tinha de cabeça a maior parte dos rendilhados textos do korão, fez dependurar-se mais um da altura dos céos, e prescreveu a presa da guerra santa, da qual, politicamente, reservava a quinta parte a Allah, ao seu propheta, aos orphãos, aos pobres e aos viajantes, (Korão Cap: VIII n. 42).

Nas guerras foi occasião de lhe perguntarem os vivos qual a recompensa dos mortos em defesa da religião. Melhor ensejo não haveria Mahomet de repetir-lhes o sonho, que já revelara aos primeiros proselytos, da sua ascensão ao setimo céu, cavalgando o velocissimo jumento, chamado Elborak pelos doutores isamitas.

Depois de percorrer todas as espheras, diz o propheta, sendo cumprimentado em cada uma dellas, respectivamente, por Adão, João, José, Henoc, Aarão, Moysés e Abrahão, entrou de braço dado com Gabriel ao jardim das delicias, onde estava erguido, acolchoado de nuvens radiosas, o altissimo throno de Allah. Fallou-lhe Mafoma e recebeu ordem de orar, assim como seu povo, cincoenta veses por dia.

Desceu o propheta ao céu de Moysés e contou-lhe a aventura.

O ex-chefe dos hebreus, veterano no mister de governar e escaurmentado das agruras preteritas da theocracia israelita, aconselhou-o a pedir diminuição das preces, que o povo certamente não as cumpriria. Escalou novamente Mahomet ao jardim dos perfumes e conseguiu redução para quarenta.

Moysés achou parca a concessão e deu-lhe coragem a requerer de bocca preceitos espirituais menos extenuantes. Nova subida e nova diminuição para dez, seguida, ainda por insinuação de Moysés, de uma nova tentativa á paciencia de Allah, que, se a não tivera infinita, com certa mandaria o propheta á fava, em vez de reduzir as rezas a cinco, com o que ficou satisfeito o impetrante.

A ser verdade a visão do propheta, deve elle á prudencia de Moysés o não lhe desertarem os proselytos, es-

tafadados por cincoenta orações quotidianas.

Não foi, porem, relatada a parte mais captivante do alado passeio de Mafoma: a descripção do jardim das delicias.

Ao ouvirem a narração das donzellias, cujos labios, mais rubros que as romãs de Chanaan, esperavam o beijo dos guerreiros tombados á fé da religião, para o eterno connubio, aquecido ao calor dos perfumes das amphoras divinas, não houve beijo sensual de muçulmano que não cahisse baboso e vencido aos liames do Korão, unico penetral possivel ás graças e goso de visão tão tentadora.

E Mahomet venceu definitivamente. O que não conseguiram as mais fallaciosas razões contra a iconolatria, nem conseguiria a mais horrifica descripção da ira tonitroante de um Jehovah, para domar a altivez daquelle povo livre e errante, conseguiu-o a imagem longinqua e luminosa daquelles corpos colleantes e radiosos de mulheres, que os fizeram atravessar desertos e conquistar povos, para maior ser a gloria de Allah e do seu propheta...

IVO D'AQUINO

## Chá e The

As relações commerciaes entabolladas pela Lusitania com o Imperio do Sol, depois da viagem de Fernão Peres de Andrade ao Oriente, no seculo XVI, poucos vestigios deixaram no lexico portuguez.

Perfilhou-se dos chins um numero muito reduzido de vocabulos, inclusive o subst. *chá*.

De todas as linguas occidentaes, — romanicas e anglo-saxonicas, — só a portuguesa deu essa forma ao termo designativo do precioso producto asiatico, ao envez de *the* ou *tea*, como os demais povos europeus.

Originariamente, seria *tchá*.

Os lusitanos, tendo-o trazido para Portugal, submetteram-no ao principio do minimo esforço e tiraram-lhe o elemento inicial (*t*).

Quanto ao *tea* dos ingleses e ao *the* dos franceses, italianos, espanhões, talvez provenham, segundo diz João Ribeiro (Dicc. Gramm., v. *Asiaticismos*), do nome da provincia de *Te*, "grande emporio da exportação desse producto".

Os termos technicos—*theaceas* e *theina*, que se encontram nos nossos tratados de botanica e de chimica, são derivados de *thé* (fr.).

C. C. P.

A differença entre um escrevinhador e um escriptor é pequena: um escreve para a *roda*, o outro para o mundo...

José de Diniz.

«O cidadão forte fará grande a nossa Patria.»

R. Alves.



Mais um livro de João do Rio! Sempre sensacional essa noticia, ainda que o espantoso labor do insigne artista da prosa a tornasse vulgar. Mais um livro de João do Rio é cousa que se obtém, hoje, de seis em seis meses, ás vezes em menos tempo..

Este anno, já nos deu elle: *No tempo de Wencesláu*, *Sésamo* e, agora, esse curioso romance *Correspondencia de uma estação de cura*.

Com isto — e isto seria prodigioso em qualquer escriptor — mais acirra o eminente cinzelador da *Bella Madame Vargas* o incontido odio dos ratés da litteratura indigena e maior encanto despertará no circulo amplo das admirações de que vem sendo, ininterruptamente, cercada sua larga e brilhante obra.

Esta noticia quer annunciar, unicamente, o apparecimento do novo livro. Basta para os que têm João do Rio. Nada mais será preciso para que, tal como sempre acontece, amanhã não haja mais onde adquirir a obra ora apparecida.

## Manhã d'Inverno

A Manhã polvilha levemente os montes de neblina...

Inverno implacavel no seu afan maldoso, põe em tudo fortes arrepios de frio.

Alto, o Céu enche o espaço dum azul desmaiado, como se o empallidecera o frio da Terra.

Claridades de sol abrem-se nos horizontes e sobre a Terra projectam-se raios tímidos de luz que a Manhã vae coando na sua peneira de neblina...

Os Campos estendem-se na distancia, esbranquiçados. E' a Alma triste e fria do Inverno que se abre em branquidões de geada. Mas ha nessa Alma da brancura de veos immaculados de virgens, negridões de crimes que lhe põe o tremor angustioso da pobreza, sob a op-

pressão de uma maldade immensa.

Desfazem-se já, as nevoas e a Natureza inteira ri a alegria paga de um dia triumphal.

O que, porem, os olhos veem, a alma não sente, porque tem a suffocal-a um corpo martyrisado pelo frio.

A Belleza se dilue na amargura do corpo, porque ella só é bem sentida quando ao conforto espirital de uma visão esplendida, se allia o conforto material do corpo bruto. O Homem é alma e é carne e sem o bem estar physico, o espirito é sempre insatisfeito. E a Natureza continúa a rir seu riso macabro e frio de geada deshumana, em que se hão de suffocar os campos de vegetação vistosa e as searas de culturas ricas!

Amanhã, lá fóra, os campos estarão crestados, como se um vendaval de fogo em uma noite, os soprara impiedosamente.

Os extremos se chocam. O frio tambem fumea os seus vapores pelos campos, e queima e mata como o fogo das fornalhas.

—E' um inferno de frio que a Natureza espalha sobre a Terra no delirio de seu poder brutal, matando e devorando, qual Saturno os filhos que lhe nascem das entranhas.

E ella ainda ri a sua alegria satanica e agora mais se distendem as cordas do seu riso, porque o Sol—o grande rei pagão, tomou alento novo—e no recesso do seu quarto o homem a maldiz, com imprecações tremendas, que a alma confrangida não reprime, diante da perspectiva dos males que a Natureza, assim rindo, um cynismo immenso lhe causará ás plantações bemditas.

Joinville, julho de 18

C. GOMES.

## Jacobinos?

A leitura de certos jornaes cariocas induz-nos a crer na existencia de uma campanhazinha litteraria contra cousas e individualidades portuguezas. Por que essa estulta e inepta revivescência de jacobinice? Que razão nos levaria, sem um grande vexame para nós mesmos, a volver-nos em remoques e ataques a gloriosa mãe-patria? Ninguem atinará ao certo com os motivos menos sensatos dessas tristes injurias,—a não ser que prevaleça a opinião dos que vêm nessa attitude uma verdadeira amostra de derrotismo.

Que allégam os cabecilhas do movimento? Dizem que é necessario convencer a antiga metrópole de que não somos os colonos de outr'ora e que a melhor maneira de convencimento é

demonstrar—por *a* mais *b*—que a litteratura nacional nenhuma sede matou nas puras fontes lusitanas.

Ainda que isso verdade fosse—por que aggre-dir?

E não é; não podia ser verdade.

Felizmente, os mais completos exponents das letras nacionaes—Ruy, Gonçalves Dias, Bilac, Vicente ou Laet—o são ainda, orgulhosamente o reconhecemos, da boa linguagem portuguesa. Machado de Assis, espirito albionês, é, entretanto, espelho limpido da melhor vernaculidade. Gonçalves Dias, antes citado, mallogrado na finalidade social de sua obra, se assim é possivel dizer de vã fantasia estetica, escreveu—como diria, mais tarde, Fialho da obra marinista de Varzea—portuguez de lá, continental, afastando-se do *brasileiro*, tentativa por de certo bella e nôbre, mas com resaibo a cousa inoqua ou transendental.

Ruy—o mais genial interprete vivo da lingua—vive aferrado ao pensamento tradicional desta, usando suas formulas originarias, que não envelhecera, antes remocam e melhor clareza dão aos assumptos.

Mau-grado o parnasianismo—de que nos adveiu, apenas, um maior cuidado da lingua—conserva a poesia nacional os fructos deliciosos da magnifica herança lyrica, transmittida pelos avós.

E nem mesmo se alluda francesas, ora tão em habitos de certos escriptores: velha queixa havia já, em Portugal, contra ellas e de lá nos veiu o vocabulo por que as designamos.

E o mais ou foi fruste sonho *indianista* (onde não só bugres apparecem falando mau portuguez—, mas tambem portuguezes) ou *écianismo*—maneira francesa de dizer, aprendido em Eça.

Objectar-nos-ão com os homens de sciencia. A cultura destes é universalizada, talvez allemã entre os medicos. Entretanto, abramos os livros de Francisco de Castro, de Aloysio, de Fernandes Figueira, de Miguel Couto: nunca foi mais caracteristicamente portuguesa a linguagem dos escriptores, tão eivada de classicismo se nos mostra ella.

O mais é presumpção mestiça, ou, peor, derrotismo...

José de Diniz

## Mandarin

Pacheco da Silva Jr., Lameira de Andrade e Eduardo Carlos Pereira inculcam o vocabulo *mandarin* como de origem chinesa. Diz, porém, João Ribeiro no seu "Dicc. Gramm.", *Asiaticismos*, "que o termo *mandarin*, é portuguez, derivado de *mandar* vernaculo."

M.-N. Bouillet, *Dict. Univ. des Sciences, des Lettres et des Arts*, tambem define:—"Mandarin, du portuais *mandar*, dérivé du latin *mandare*, commander."

C. C. P.

## A couve e o cardo

Todo aquelle que maneja uma penna, escrevia Eça de Queiroz em carta a Mariano Pina, tem por dever dizer aquillo que julgar ser a verdade.

Só os tibios silenciam. O homem que nada teme, vai de encontro á opinião erronea, embora ella pertença á maioria, e a golpeia com ironias ou argumentos.

Porque deixar prevalecer o erro? Porque bater palmas á ignorancia? Porque manter a obra do passado — cadaver que carregamos aos ombros, — si ella não corresponde á exigencia hodierna? Porque alimentar a mentira? Em summa, porque mentir?

Eu não thuribulo o apedentismo, não me volto para as epochas extinctas sinão quando ellas possam dar-me uma lição de energia viril, não abroquelo o erro, não mintu... Por isso me proclamam *irrequieto!*...

Mover-me-ia ao riso, si me não provocasse engulhos...

Então, que querem elles, os philisteus? A mollé pasmaceira da couve? Mas a couve acaba por ser comida...

Antes ser cardo!

A. FLORES

## Riscos...

Pergunta-me *Mademoiselle Miste-riuse* qual o auctor preferivel para as leituras de uma senhora. E' necessario, em primeiro logar, saber as condições de espirito de tal senhora e, sobre isto, a sua idade, estado, educação, etc, etc.

\*\*  
\*

Uma *jeune-fille*, certamente, não poderá ler Zola, Dostoiewski, Balzac, Daudet, Mirbeau, Anatole, D'Annunzio, Ibañez, Tolstoi ou mesmo Bourget (depois do *academismo*). Esses maravilhosos creadores de arte, cuja obra sangra de realidade vigorosa e perpetua, ficam muito bem a uma senhora feita, que deva querer sentir o melhor sentido da vida, para ser mãe ou, antes, para ser mulher, na inteireza magnificente das suas regalias e dos seus esplendores de virtude, — virtude que a litterate lenga—lengada e sórna dos muitos *Escrichs* empallideceu e fez perigar, em paginas sem estilo e sem linguagem...

P. P.

Ha duas coisas sobre que se não deve discutir: Religião e... grammatica portuguesa. Si nesta ha principios insustentaveis, naquella ha principios indiscutíveis.

A. Flores

## Dr. Diniz Junior

A 2 do actual, festeja seu aniversario natalicio o talento so conterraneo Dr. Diniz Junior, que no Rio de Janeiro exerce as funções de inspector escolar.

Vendo ha longo tempo na capital da Republica, Diniz Junior, grangeou ali, por suas brilhantes qualidades de espirito e de coração, extensa cadeia de amizades.

Na imprensa carioca tem elle sempre dado provas da robustez do seu talento jornalístico; e ninguem ignora que, como artista, isto é, como obreiro da Emoção, Diniz Junior é um torturado, escrevendo paginas admiraveis pela observação e pelo estylo, paginas inconfundiveis porque só elle as poderia burilar.

A inequalvel *Revista da Semana*, sob a direcção do glorioso romancista portuguez Malheiro Dias, o conta entre os seus mais distinctos collaboradores.

Pela data de 2 do andante, *Oasis*, ex-corde, sauda a Diniz Junior.

## Sorrisos

Vimos, na Cathedral, mille. Neofides. Que lhe teria succedido? Que bem esse teria sido que a punha assim tão linda e tão risonha? Oh, o vario coração e, tenue espirito de uma creaturinha de quinze annos!...

Mille., até ha dias, vinha soffrendo de uma incerteza bem cruél. Havia mesmo quem se arreceiasse da sua saúdinha... As côres, aquellas adoraveis côres do rostinho oval iam-se attenuando, impressionantemente. Uma avesinha ferida... E por que a transformação? Amor pago com amor?... Dissimulação da pesada amargura? Em qualquer das duas hypotheses, Mille. vae matando os seus galantes ideaes, sonhados depois de haver cerrado as paginas dos contos de Grimm, em que ha sempre um principe de cabellos de ouro para cada menina bonita...

Carlos Eduardo.

## Um retrato de Wilson

A arte de pintar um retrato é difficil. Aos que não têm a pratica desse genero, basta que o retrato reproduza os traços phisicos e a obra é boa.

Mas a arte é exigente. Todo individuo tem uma alma, tem um moral, que faz parte da sua personalidade. E o retrato exige, para ser uma obra d'arte perfeita, precisa reproduzir o character, a alma, o moral.

Por isso mesmo, na imprensa americana, se trava agora uma grande discussão de arte.

O grande pintor Sargent acaba de fazer um retrato de Wilson.

Parece, porém, que apesar da fama justa do artista, a imprensa não recebeu bem a obra.

O "*American Magazine of Art*" pelo menos assim se expressa, conforme lemos na *Liberté*, de Paris:

«O retrato representa o presidente Wilson sentado numa cadeira, com o rosto ligeiramente voltado para a direita. E' grande, simples, extremamente reservado. Os retratos de Sargent são em regra impetuosos; sua technica é brilhante, mas não agora, neste caso. Em uma grande exposição, esse retrato não despertaria a attenção; não dominaria os quadros que lhe tivessem perto. A cabeça está pequena: a bocca é energica.

Os joelhos estão afastados e as mãos repousam um pouco descuidadamente sobre os braços da cadeira.

Mas é o retrato de um homem de gabinete, de um pensador, mas não é o retrato de um homem de acção."

E' provavel que uma parte dessa pequena decepção, escreve o jornal artistico, o "*Cousin Pons*" provenha da brilhante idéa que os americanos, com muita razão, fazem do seu grande presidente.

Era uma rude tarefa a de Sargent, a de fixar os traços de uma personalidade tão universalmente admirada e respeitada.»

## Livros e folhetos

Recebemos as seguintes obras de que nos occuparemos opportunamente, agradecendo de de já aos seus auctores os exemplares com que nos distinguiram:

*Confraternisação Republicana*, por Crispim Mira; *Pozos e Riachuelo*, de Lucas A. Boiteux; *Relatorio* apresentado ao Sr. General Dr. Felipe Schmidt, governador do Estado; pelo Sr. Dr. Fulvio C. Aducci, secretario; *Revista Trimensal*; do Instituto Historico e Geographico.

## Da carteira de um louco

Salomão, nos seus afamados versículos á Sulamita, disse-lhe uma vez:

“ A covinha do teu queixo foi feita pelo attricto prolongado da lingua de um cherubim.”

Fico a pensar nisso quando me surges deante dos olhos, desiumbradora e empolgante, sorrindo, a offerecer na bôcca esses dois rosarios de perolas, feitos para as orações do peccado...

Quando te vejo assim, penso que Salomão não era um louco... Pois as covinhas de tuas faces decerto foram feitas pelo attricto macio e prolongado das linguas de dois cherubins gêmeos...

E esses cherubins, depois de concluida a tarefa, tontos de felicidade e embriagados de ventura, —cahiram e ficaram para sempre sobre o teu peito, dormindo e sonhando...

Esses mimos que ahí carregas, são elles! São elles!

Cuidaram que essa carne macia e rosada era um pedaço do céu que lhes apparecia banhado na claridade opalina de alguma madrugada feliz...

Perderam o céu mas ganharam na trôca.

Tomo esta nota na minha carteira de louco, para denunciar-te á justiça celeste.

E' um crime! E' um crime o andar carregando fraudulentamente com sigilo, para dominar os homens inermes, esses preciosos pedaços de céu!

SILVANO

## Lauro Linhares

Festejou o seu anniversario natalicio, no dia 18 do mez p. passado, o nosso distincto conterraneo sr. major Lauro Linhares, membro de uma familia illustre.

Afluiram, nesse dia, ao seu palacete, grande numero de senhoras e senhorinhas, amigos e admiradores que ali foram felicitar o estimado anniversariante.

Oasis que admira o distincto cavalheiro pelos seus elevados dotes de espirito e coração, felicita, embora tarde, desejando uma existencia prolongada e feliz.

D'um ingenuo: «Aos 30 annos, eidade perigosa, as mulheres não tinham receio de se acercarem de mim, agora que conto 64, todas ellas fogem. Porque?»

A mocidade é uma embriaguez continua; é a febre da razão.



S. A. R. o Principe de Galles cujo casamento com a Princeza Mafalda, filha dos Reis de Italia, a imprensa ingleza acaba de annunciar.

## Oliveira Lima

Actualmente nas republicas do Prata, hontem numa, hoje noutra, o illustre diplomata brasileiro, mais uma vez, honra o nome de sua patria. Em Buenos-Ayres e Montevideu, sua presença explica-se pelo convite que se lhe fez para realizar algumas conferencias—repercussão, por certo, do grande exito das que levára a effeito na *Sorbonne*, em Paris, e na universidade do Harward, em norte-America.

## O ultimo Czar

Reaffirma-se, e agora com o *placet* dos maximalistas, a noticia da morte de Nicoláu II. Fuzilaram-no!

Entre as immensas ignominias dessa terrivel catastrophe da grande-guerra, o assassinio do ultimo Czar é das maiores, das mais revoltantes, das que mais vergonhosamente dirão do horrido momento que passamos.

E por que essa miséria? Dizem ós que hão de passar á historia como seus responsaveis que foi o meio de evitar-se a restauração do throno dos Romanoff, vizada pelos bons elementos da Russia em luta contra os bolshevistas... Trefega e deslavada mentira: outros nomes pôdem realizar a obra temida e, entre estes, o do grão-duque Miguel, hoje escapo das mãos que sacrificaram Nicoláu, seu irmão.

O que fica dessa obra maldita é, apenas, a perversidade, a ignominia, a monstruosidade assassina.

## Ninguem escapa!

Não ha quem não soffra, ás vezes, de melancolia. Homens que por profissão fazem rir ás gargalhadas as plateas e archibancadas, têm tambem sido victimas de profunda depressão de espirito. E' por isso que o fino humorista Hoffmann dizia que o mal estava sempre occulto por trás do bem, e que em todas as coisas o diabo mettia a ponta da cauda.

O celebre medico inglez Abernethy foi um dia consultado por um pobre doente acabrunhado pela dyspepsia. O medico examinou a lingua do paciente, consultou-o, tomou-lhe o pulso e perguntou-lhe pelos seus symptoms. O doente disse-lh'os.

E o dr. Abernethy, com a sua proverbial franqueza, exclamou:

—Na verdade, não me parece de gravidade o seu estado. O que o senhor precisa é de alegria, de distracções. Porque não vai ver o palhaço Grimaldi? Rir-se-ia muito e isso lhe faria mais bem do que todos os medicamentos!

—Ai, senhor! gemeu o enfermo. Pois, Grimaldi sou eu mesmo!...

(A historia não diz com que cara ficou o medico...)

## Celibatarios illustres

Entre os celibatarios mais illustres, notam-se: Galileu, Gassendi, Locke, Spinoza, Kant, Isaac Barrow, Bayle, Leibnitz, Black, Dalton, Hume, Gibbon, Macaulay, Buckle, Pitt, Fox, Newton, Hobbes, Adam Smith, Handel, Beethoven, Rossini, Mendelssohn, Meyerbeer e Cavendish. A proposito deste ultimo, diz um autor: «A Cavendish não só faltava o instincto sexual, como mostrava elle morbida antipathia para a mulher. Afim de evitar as criadas de sua casa, mandou construir uma escada especial para ellas, e, si por acaso encontrava alguma nos seus aposentos, despedia-a immediatamente. O seu acanhamento chegava a ser enfermidade. Nunca consentiu em tirar um retrato. Si percebia que o fitavam, perturbava-se. Fugia de estranhos e não podia entrar sem tremer numa sala onde os houvesse. Todavia, era um homem excessivamente frio, impassivel: não demonstrava o minimo sentimento. Delle diz o seu biographo: «Não amava nem odiava, não esperava nem temia... Era quasi incensível, — um verdadeiro anachoreta da sciencia.»

# FRIVOLIDADES



Mme. estava divinamente linda naquella noite do festival de caridade...

Bella, elegante e encantadora, ella emprestava um estranho

brilho ao camarote em que se achava ao lado de entes queridos.

Dalli, onde reinava a mais harmoniosa intimidade Mme. observava a todos e tudo com a intelligencia cultivada duma mulher primorosamente educada. O seu olhar, insuperavelmente discreto, ora mergulhava na multidão que enchia o theatro, ora se volvia confidencialmente para os seus.

Mme. estava pallida, mas esta palidez perfeita a embellezava ainda mais.

Mme. constituia o alvo de toda a admiração.

Centenas de olhares fitavam-na insistentemente, cubiçando uma significativa retribuição. Naturalmente habituada a taes artificios de audaciosos conquistadores, ella não se deixava prender por um ou outro desses raios venenosos que partiam de pupillas ardentes, e correspondia a todos que a atingiam com um olhar vago que nem sequer palpitava.

Elle, um ousado "Don Juan", não tirava os olhos de Mme; acompanhava todos os seus gestos com extrema devoção.

A presença daquella jovem "rainha" reaccendia-lhe um doloroso amor que o pungia e dilacerava. A bella e cruel visão não o deixava em paz; e nervoso, irrequieto e ancioso, elle procurava em vão uma distracção qualquer que lhe fizesse esquecer por instantes a recordação deliciosa, mas ao mesmo tempo oppressora, de um certo momento de ventura, que não vaé longe, e o qual o "povinho" commentára com pontinhas leves e indispenzaveis de maldade.

Num dado momento, elle resolveu approximar-se, e, arquejante, approximou-se.

Aquelle encontro inesperado não agradou a Mme., cuja physionomia soffreu uma ligeira transfiguração, quasi que invisível; mas, sem desfalecer, invencível, tornou-se logo senhora da situação e... cada vez mais formosa, tentadora, continuava a applicar com suprema arte o indifferntismo.

Esta frieza seductora da "mulher divina" maltratava sobremaneira o nosso "Don Juan", que suspirava, pensando talvez: Era uma vez....!

Mme. não existirá mais para elle, e agora ver-se-á obrigado a entrar no rôl dos respeitaveis "coroneis", e, como tal, não terá certamente poucas decepções.

E' da vida: Cada qual tem a sua época.



\*  
\*\*

A graciosa moradora da Rua General Bittencourt desapareceu repentinamente de quasi todos os logares de diversões, onde sempre fora uma figura sympathica.

A jovem senhorinha entregou-se nestes ultimos tempos, ao que nos parece, a uma paixão ardente que ella guarda como joia preciosa no amago do seu

coraçãosinho em flor.

E' sempre assim quando, na sua idade, se vive sob a impressão de um amor puro.

Foge de tudo que lhe possa distrahir as ideias; uma melancholia profunda apodera-se de seu espirito, que em nada acha graça senão no nome do ente amado.

E Mme. vive ora sob a impressão maravilhosa de um sentimento desta ordem. Só deste modo podemos explicar a sua ausencia do jardim, aos domingos, das "domingueiras" no Concordia, etc. etc.

Mlle. onde falta... faz falta...

—Não é este o verdadeiro modo de amar, Mlle.... Antigamente amava-se assim, é verdade; hoje, porém, tudo mudou... O amor moderno não requer que se sacrifique a mocidade, que é tão curta e tão depressa passa, nem exige que se viva atraz de portas trancadas, entregue a profunda meditação e melancholia, scismando, triste, e alimentando ideias fantasticos...

Mlle., a solidão é amarga cofidente!

Fuja della e procure a alegria, os divertimentos e as attracções da vida...

Só assim o coração de Mlle. não cahirá nessa enfermidade difficil de se combater e a que algem já chamou: *tedium amoris*...

\*  
\*\*



Mlle. desculpe a nossa indiscreção!

A senhorinha está porventura comprometida?

Mlle. quereá saber, naturalmente, a que proposito vem esta

pergunta.

Como, porém, não queremos despertar a curiosidade de Mlle., vamos explicar:

No domingo da "kermesse", que poz em alvorço os espiritos dos nossos elegantes rapazes, vimol-a com aquella blusinha branca e aquelle chapéo branco com fita preta e branca fazendo o "footing" no jardim...

De ha tempos para cá vinhamos notando nas expressões physionomicas de Mlle. uma tristeza, uma saudade intima, uma funda melancolia, muito sua...

Naquelle dia, porém, nada disso observámos.

Mlle. apresentou-se-nos alegre, rissonha e satisfeita, e isto nos despertou certa curiosidade.

Não nos foi difficil descobrir o motivo desse contentamento.

Mlle. estava alimentando uma nova paixão...

O que, porém, não podiamos comprehender era a apparencia que Mlle pretendia dar ao novo namoro. O seu "flirt" com o galante telegraphista, que veio passar alguns dias na terra natal, dava-nos a impressão de um caso mysterioso, indecifavel...

Desconfiamos logo que Mlle não queria revelar este delicioso segredo a pessoa alguma.

A graciosa senhorinha agora certamente não estranhará a nossa pergunta.

Não se assuste, Mlle., o seu distincto pretendente ja foi embora; e, lá, no vizinho Estado, elle provavelmente guardará carinhosamente o segredo do suave idyllio espiritual daquella fria tarde em que o vento do sul sussurava impertinentemente.

\*  
\*\*



Foi um "flirt" cheio de idyllio o da sympathica senhora com o elegante "gentleman" na noite da florida festa civica em homenagem ao grande Ruy...

Ambos são possuidores de olhos muito negros, de tanto fulgor que

captivam facilmente um coração sensível, de sorte que quando os dois olhares se encontravam até faiscas sahiam.

Quiz a lamentavel coincidência que Mme. dêsse as costas ao seu insinuante admirador, o qual por sua vez havia escolhido uma posição estrategica atraz de uma porta de camarote, para não dar tanto na vista ou para melhor admirar os encantos da seductora mulher.

Esta, quando queria vel-o repousar o seu fozoso olhar no semblante dum moreno carregado, do experimentado "conquerant", tinha de expor-se ao sacrificio de virar o seu pescoço provido de carnes sedentas de desejos.

E o fazia com tanta arte, tão magnificamente disfarçado, que dava gosto aprecial-a...

Mme. é realmente uma artista consumada no namoro, e se vivesse num centro grande certamente rivalizaria com as mais "melindrosas flirteuses".

Stuart Holmes

# MORS-PAX

(Inédito)

A Altino Flores

A 2 de Novembro de 1915 Altino Flores escreveu para o *Estado* uma chronica intitulada *Mors-Pax*, em cujo periodo final havia um alexandrino perfeito; formado pelas ultimas palavras, as quaes o subtil poeta conterraneo, João Crespo, aproveitou e, sem modificação, empregou como chave do presente soneto.

Nascer... sentir a vida e, ao mesmo tempo, incerto  
Quedar, já sem vontade, ante a peleja ingloria...  
Brunir, da fórma bruta, o espelho da memoria,  
Sem cuidar que a Loucura esgueira-se já perto...

Ser o obreiro immortal do pensamento esperto  
Que revive, a vibrar, na grande voz da Historia...  
Sentir, na mente em febre, o alcance da victoria  
De vencer, sendo féra, as féras no deserto...

... Chega a morte, afinal. E até que a Historia brade  
O elogio que consagra, extingue-se no lucto,  
Pomo a pomo, a paixão ferida de saudade.

E enquanto volta ao nada a Carne, o Verme, o Fructo,  
Só consola a razão de ser a Eternidade  
«A volupia sem par do repouso absoluto.»

JOÃO CRESPO

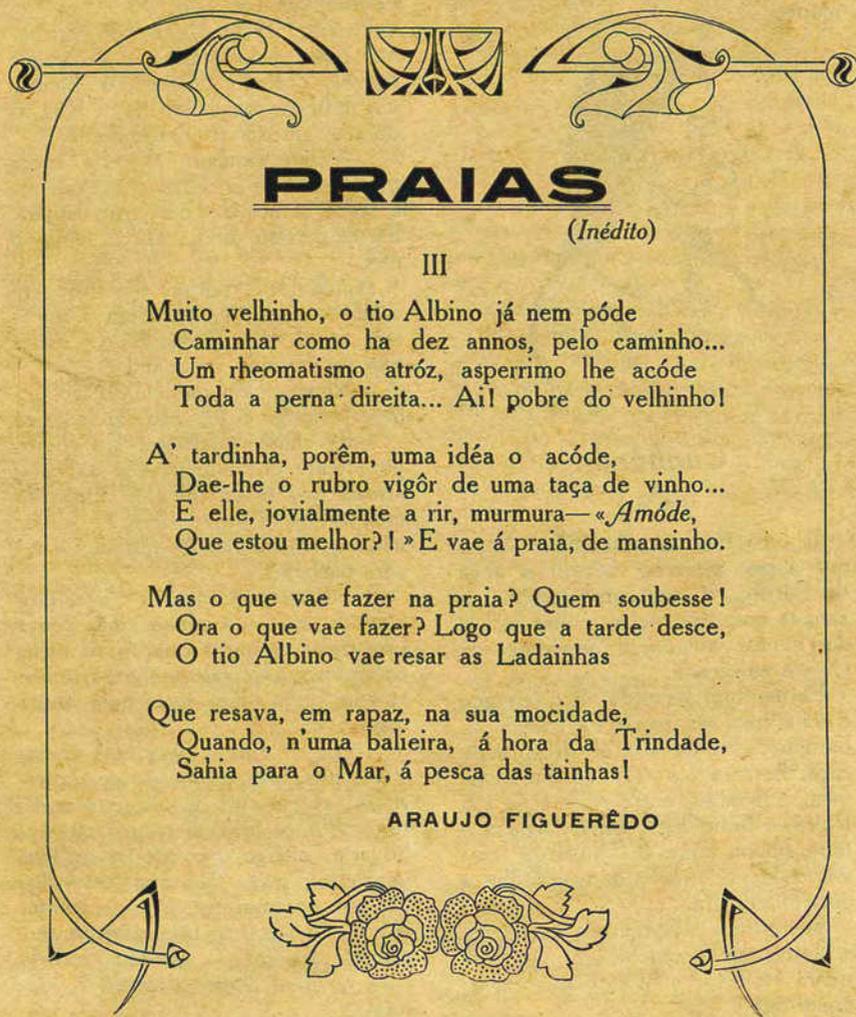
## Crepusculo

Chove. Lá fora as gottas crepitam sobre as telhas. As alamedas do jardim transformaram-se em torrentes impetuosas que espumam de encontro aos alvos seixos, arrastando nas suas ondas as victimas da tempestade; as minusculas formigas incansaveis no trabalho e os insectos multicores que se amavam no verde e calmo grammado.

Aqui dentro estamos a sós e a noite começa a rastejar pelo quarto. Imagino que andamos perdidos num Oceano infinito: nada existe do mundo e assim ficaremos até que uma noite sem fim nos envolva no seu negro manto... E, entretanto, d'aqui alguns minutos, vae deixar-me, pisar a lama da rua, e offerecer com sorrisos de esmalte chavenas de chá perfumado aos ridiculos fantoches da vida...

Oh! Deixa-me encostar o rosto ao teu peito! Que os teus olhos meigos e fundos prometam que nada nos ha de separar! Entreabre a tua bocca purpurina e deixa-a exhalar as palavras que espero, as palavras de illusão e de eternidade! Encosta-te bem a mim, cinge-me nos teus braços e o teu corpo contra o meu corpo, os teus olhos nos meus olhos, faze-me todos os juramentos que não has de cumprir!

ROBERTO GOMES



## Os tres anneis

(Para Odette Gasparoni)

Neste velho cofre flamengo, tres anneis estão guardados.

São de oiro todos tres.

O primeiro tem uma pérola e foi d'um rei.

O segundo tem uma amethysta e foi d'um santo.

O terceiro tem uma opala e foi d'um poeta.

Alta noite, dentro do velho cofre, os tres anneis recordam.

O anel do rei recorda as festas da córte, o palacio acceso, glorioso de lampadas e de fidalgos... recorda as lindas mãos de sangue azul em que roçara...

O anel do santo recorda a solidade do mosteiro, a doçura dos dias apagados, as matinas, as vésperas, o cheiro casto e voluptuoso do incenso, a voz do harmonium, longa, trêmula como um soluço... recorda os dedos que se cruzavam, o murmúrio das orações...

O anel do poeta recorda que o seu dono era rei e era santo...

ALVARO MOREYRA

«O isolamento esgota as energias dos povos e faz o seu progresso lento ou nullo.»

R. Alves.

# Paixão selvagem

(Escrepto especialmente para o "Oasis")

E Cunhãnan falou:

—Não, Jaboroá. Ainda não.

E's forte, eu sei; és valente, és bom. Não se amortece o rígido cordão do teu arco rígido, ao bramejo feroz da canfussú faminta; não te faz voltar os passos atrevidos o grito de guerra do boré inimigo! E's o mais arrojado entre os arrojados guerreiros da molóca de Muxilá, pai de Cunhãnan. Eu sei. Mas... ainda não!

Jaboroá, campeão da flecha no acampamento de Muxilá—chefe dos intrépidos *urupás*, bebia, aos goles, aflitivamente, essas palayras que lhe adocicavam mais o coração apaixonado do que a chicha de amendoin e mel lhe adocicava a boca sedenta nas tardes de soalheira.



Jaboroá

—Fala; Jaboroá te ouve.

—Ainda não, caçador de feras. Para que possas rescostar sem medo a tua cabeça audaciosa no peito virgem de Cunhãnan; antes que o meu fogo seja o nosso fogo; antes que a minha rede seja a tua rede, eu quero, Rudá ordena que a filha do tuxãna receba das mãos do varão senhor dos seus carinhos, um presente de valia, um presente que orgulhe o sangue da sua gente.

Era noite. Fazia luar.

Os olhos do varão selvagem que se haviam aninhado amorosamente no azeviche ondulado da basta cabeleira esparramada sobre os ombros trigueiros de Cunhãnan, voaram, num surto rápido e unico, e foram pousar docemente na descorada face da Soberana das estrelas que, lá do alto, jaspeava sobre as coisas o marmore intangível da melancolia.

O seu arco, vencedor vezes sem conta, riscou forte o horisonte e a sua voz firme e cantante soou no silencio que velava o idílio selvagem dos dois barbaros.

—Houvesse cá embaixo uma içara mais alta do que as outras içaras... uma içara tão alta que eu lhe pudesse flechar a derradeira palma, e eu a escalaria de um salto, do pé ao

tope, e lá de cima iria ás terras azulinas de Jacy, Mãe das arvores, Senhora das frutas, e lhe pediria em troco de um pedaço da minha vida, uma braçada daquela paina muito branca, muito fina, em que Ela deita e dormita, ás vezes, guardada pelos muitos *culumins* cor de fogo, que A rodeiam, como nós rodeamos Muxilá, nosso chefe. E com essa paina eu teceria uma rede muito leve, muito fresca, muito alva, para guardar o sono da mulher de Jaboroá...

—Não. Eu não quero rede.

—Manda, e eu descerei ao fundo do rio mais fundo e arrancarei de lá a pedra mais brilhante que eu vir!

—Não. Eu não quero pedra.

—Manda; Jaboroá obedece.

—Eu quero um presente que valha força, importe luta, custe sangue!

—Caça? Escolhe, e eu trarei a mais feroz ou a mais rara. Inimigo? Manda, e eu matarei o mais valente ou mais ladino.

—Nada! Eu quero os dentes de Itan, filha de Parriba, para enfeitar os meus braços, estes braços que te procuram...

—Jaboroá vai. Se passar um sol, outro sol e mais outro sol e os dentes da virgem que orgulha a malóca de Parriba, não branquejarem no braço de Cunhãnan, Jaboroá está morto.



Cunhãnan

\*  
\*\*

Jaboroá fora surpreendido. Antes que a sua *paxituba* abatesse a filha de Parriba, o seu corpo tombou e-xangue golpeado pelas muitas flechas dos muitos aliados e servidores da virgem ameaçada.

Perdera um segundo, arco retesado e mira feita na frente da fidalga aborigine, abandonada ao desporto da caça; hesitara um segundo entre Homem e Inimigo, entre o Coração e o Pulso, e nesse lapso uma flecha certa sibilou entre o folheto e cravou-se-lhe no braço, desviando-lhe a portentosa mira.

Sumiu-se a desprendida caçadora; a flecha que o seu caçador lhe destinara foi levar a morte ao corajoso importuno.

Mas, esfusiou nos ares outra seta inimiga; outra seta ainda, e muitas e muitas setas navalharam, como piranhas, o metal queimado e rijo da pelle de Jaboroá.

Na ferrea enfiatura do guerreiro ferido perpassou, escaldando, o fremito da vingança; mas; já lhe faltava sangue e lhe faltava força: estava quase vencido.

Defrontaram-se-lhe, porém, quatro adversarios, indios adversarios, e quatro adversarios foram derrubados, seguida e ferozmente.



Muxilá

\*  
\*\*

Agora, amarrado a um palanque, havia tres dias, curtindo fome e sede, esperava o prisioneiro a hora terrível da sua condemnação. Já avultava perto o lugubre amontoado de toros seccos dispostos a fogueira que o deveria queimar vivo.

Parriba, cacique generoso e justo, que tinha maior o coração do que o *tacapé*, postado deante do homem que diligenciara matar-lhe a filha adorada, insistia condescendente:

—Vamos, amigo. Aceita, agora que te morde a fome e te queima a sede, o mel fresco e puro da paz. Eu te perdoo tudo. Anda: toma o mel.

Ainda forte, porque tão forte era a sua vontade quanto o era o seu amor, o infeliz apaixonado de Cunhãnan recalçou, ameaçando:

—Nunca, filho das cobras. Só beberei contigo o teu proprio sangue!

—Eu choro, guerreiro. Eu choro, porque sei que inimigas são as nossas armas, mas o teu folego é irmão do meu folego. Porque vieste? Porque matar a virgem Itan? Matarias o seu pai, também.

E porque procuraste a corça descuidada, que é a minha filha, e não procuraste as onças que são os meus *culumins*? Um valente busca outro valente! Um varão lucha com outro varão!

—Corça! Ella é bem uma corça, é verdade. Mas, da onça os teus guerreiros, só têm a traição. Aparecessem tu e todos os teus guerreiros, que eu brigaria contigo e com todos os teus guerreiros; mas, elles são covardes. Os que ousaram ver-me de frente, já não têm voz para te contarem a derrota de Jaboroá, já não têm ouvido para ouvirem o meu derradeiro desafio...

—Para, amigo do meu inimigo! Para e ouve. Ouve e lembra comigo os nossos dias passados. Ontem, um ontem que fica muito atrás, o teu chefe muxilá; meu irmão, abandonou-me ingratamente e foi levantar malóca nas terras, de onde vieste. Mais rico e mais poderoso, eu tinha e tenho nas minhas mãos, elle e a vida da gente delle. Perdoei-o, porém. E' do meu sangue. Tu acompanhas-te o irmão infame. Eras menino.

E hoje, tu que és filho do meu lembrado Mairé, tu que dormiste na minha rede, tu que ensaiaste as primeiras flechadas, com as pequenimas flechas que eu fazia e te dava, tu que brincaste com Itan, mais tenra do que tu naquelle tempo, porque voltas à taba de Parriba e queres ennegrecer o seu peito, matando-lhe a filha bem amada? Que te fez ella?

Eu sei! Muxilá, irmão invejoso e vil, encarregou-te desta missao horrorosa.

Perdoo tudo. Ainda sou o amigo do teu pai Mairé. Bebes o mel que te offerece Parriba?

— Não!

— Jaboroá! Ha tres dias que espero por ti:

Fica! Serás dos meus. Serás o mais respeitado.

— Não!

— Terás fructas, agua e mel em abundancia. O fogo não te queimará. Aceitas?

— Não!

— Itan, a dona do meu coração, será tua e te amará com fervor. Anda! Cantemos a paz!

— Nunca! Eu não quero o teu mel, nem a tua amizade, nem a tua filha. De Itan, eu quereria os dentes para offerta-los a Cunchãnan, senhora das minhas alegrias. Cunchãnan, filha de Muxilá. Sabes, agora que me não trouxe aqui o respeito ao teu irmão e inimigo, mas o amor à sua filha. Eu morro. Manda accender a fogueira. Queimarás um valente! Chorou o piedoso tuxána; mas, reagiu, de prompto.

Morrerás, disse.

Anoitecia. Parriba determinou ao pagé que o prisioneiro fosse queimado, quando a lua estivesse apino.

Que lhe saciassem a sede antes de arder a fogueira. E retirou-se triste. Para espaiar-se convidou os seus e sumiu-se no mato, numa batida aos queixadas.

\*  
\*\*

A lua já estava alta. Pesava sobre tudo a modorra sombria do Silencio. Só, de quando em quando, o pio agourento do urutau.

A calada fazia ainda mais negro o Pavor que esvoaçava, qual sinistro morago, em torno da ocará e vinha teimosamente, sinistramente pousar na caçara, defronte do prisioneiro semi morto que soffria pelas feridas, donde gotejava o sangue rubro e fervido do luctador vencido; e soffria pelo coração, donde sangrava a dor de amante insatisfeito.

As indias amedrontadas haviam corrido para os *papiris* mais distantes.

Uma, porém, não teve medo. O guerreiro que sozinho matára quatro, longe de lhe causar temor, inspirava-lhe uma como que fascinação. Admirava-o. Era elle bem o typo que ella via, atravez do coração. Ella já o tinha visto nas suas miragens, e lembrava-se que já se tinham querido, ha muito tempo! Era o seu ideal. Queria-o possante e destemido. Não era elle um forte? E que foi mais senão o arrojo, que o trouxe das longiquas terras de Muxilá até alli, onde ia morrer agora?

Já não o admirava: amava-o!  
Não! Elle não morrerá!

\*  
\*\*



### Itan e Parriba

— Bebe, mancebo! E vae embora. Foge, antes que venha o pagé. A lua já está bem encima: elle não tardará.

Queres? Mata-me; leva a minha cabeça para a tua Cunchãnan. Mas, deixa que eu morra abraçado ati; sentindo nos meus braços a pressão dos teus braços; sentindo junto do meu peito o pulsar do teu peito. Sim?

Era Itan.

Dava a vida a quem lhe quiz dar a morte.

— Não, virgem! Cunchãnan não me verá jamais. Vou morrer longe da qui e bem longe della.

\*  
\*\*

O tóxico desferiu, perto, o seu grito de espanto. Jaz'a á beira dum regato o corpo frio, duro e inerte dum indio guerreiro: corria-lhe da bocca contorcida um liquido asqueroso e espumante. Era Jaboroá. Envenenara-se com o *bororé*.

Pesar-lhe-ia morrer junto dos seus inimigos, mais pesar maior lhe mataria cedo, se fosse viver de quem poderia chama-lo de covarde. E elle foi covarde ante a fascinação da inimiga da sua amada; duas vezes inimiga: pelas armas e pelo coração.

Na malóca de Muxilá, Cunchãnan cantou o poema do amor.

E da malóca de Parriba derramara-se no ar tristonho da floresta a toada plangente da oração de Itan ao Deus do Amor:

(\*) Rudá, Rudá, ináka pinaie,  
Amána reçaicú... Ináka pinaie  
Aiuté Cunchá puxitéra oikó ne  
mumanuára ce rece  
Quahá caarúca pupé!...

JOÃO DE AQUINO.

(\*)

Oh, Rudá, Deus do Amor, tu que estás nos céus e amas as chuvas... Tu que estás nos céus, faze com elle (Jaboroá) por mais mulheres que tenha, as ache todas feias; faze com que elle se lembre de mim esta tarde quando o sol deitar no occidente.

### Acção e Vontade

Necessitamos ensinar a energia aos nossos homens publicos, que, em sua maior parte, nunca souberam o que é essa qualidade, que tanto engrandece, nobilita e robustece o ser humano.

O homem dotado de vontade forte é sempre um gigante, que nunca encontra barreiras em seu caminho, que é sempre victorioso, que nunca deixa de marchar para a frente.

Os nossos homens de governo não são assim. As menores difficuldades dominam as suas faculdades de acção, e elles se sentem incapazes de fazer alguma coisa de precisamente grandioso, por que o seu pulso é, geralmente, debil e nulla a sua tempera.

Por esse motivo não temos progredido como competia á nossa grandiosidade. Por esse motivo ainda somos um paiz fraco, sem armada, sem exercito, sem organização economica, sem estadistas, sem homens, sem mentalidades, sem escriptores, sem coragem!

A geração nova do Brasil deve ensinar energia aos nossos homens de Estado, deve dar injeções de varonilidade em nossos governantes sem fibra e sem audacia!

Hamilton Barata.

Nós

Estamos informados, de fonte fidedigna, que a nota publicada pela nossa galharda confreira *Revista da Semana*, a proposito do nosso primeiro numero, é devida á fulgurantissima penna de Malheiro Dias, aquelle que, no dizer do admiravel Fialho d'Almeida, herdou o renome literario de Eça de Queiroz.

A referida nota, que é toda de applausos á nossa modesta iniciativa, não só nos deixará penhorados á bondade do illustre autor da *Patxão de Maria do Céu*, como tambem nos servirá de incitamento para levarmos avante a empresa em que puzemos todo o nosso coração.

Mil vezes obrigados!

# PELO DESPORTO

## "Riachuelo" versus "Gymnasio"

O "Riachuelo" derrotou o campeão de Florianópolis pelo "score" de 2 goals a 1

Realizou-se, domingo 18 do mez proximo passado, o sensacional match de foot-ball, entre os teams do "Riachuelo" e "Gymnasio".

A numerosa assistencia que desde o kick-off até o ultimo shoot acompanhou com grande interesse todas as phases do jogo, applaudiu freneticamente os valentes foot-ballers.

A victoria do "Riachuelo" foi bonita mas não completa. Faltou, como foi devéras notado, a combinação da linha de forwards.

Isto demostrou unicamente a falta de trainings.

O team do "Gymnasio" que até ha pouco veio firmando o titulo de campeão de Florianópolis, e que no ultimo match teve que passar ao adversario-amigo tão honroso renome, nada deixou a desejar, pelo contrario, como sempre, mostrou mais uma vez todo o seu valor, todo o seu magnifico jogo, resultado de bons e constantes trainings.

Os "passes" dos gymnasiaes foram magnificos. Tanto a combinação dos forwards como a defeza do "triangulo" mereceu elogios.



"Team" do Riachuelo



"Team" do Gymnasio

é captain e a alma; o segundo pelo bello resultado do jogo dos seus soldados foot-ballers.

\*  
\*\*

O club nautico Riachuelo está procedendo a inscrição dos rowers que queiram tomar parte nas regatas internas que se vão realizar a 15 do actual.

\*  
\*\*

Firmado pelo sr. Luiz Oscar de Carvalho, 1. secretario do club nautico "Francisco Martinelli," recebemos o seguinte officio:

«Florianópolis, 1 de Julho de 1918

Illmo. Sr. Director da revista "Oasis"

Tenho a immensa honra de vos communicar, que a directoria recem-eleita para gerir os destinos sociaes deste Club, no periodo de Julho de 1918 a Julho de 1919, foi empossada a 1. do corrente, e ficou assim constituida: Presidente—Dr. Abelardo Luz, vice—Dr. Cid Campos, 1. secretario—Luiz Oscar de Carvalho, 2. dito—João Conill, 1. thesoureiro—Roberto Soares de Oliveira—2. dito Fernando Avila e director de regatas—Gilberto Cunha.—Commissão de contas: Cap. Joe Collaço, Antonio Fedrigo e Julio Trompowsky.—

A nova directoria espera receber de V.S. as mesmas provas de con-

sideração e estima com que foi honrada a sua antecessora.

Saudações cordiaes.»

Oasis reconhecida pela honrosa distincção, faz votos pela prosperidade do C. N. "Francisco Martinelli".

\*  
\*\*

Estiveram reunidos no seu bar-ração á Praia do Garcia, os socios do C. N. "Francisco Martinelli", afim de escalarem as guarnições para as proximas regatas e cujos trainings já devem ter começado.

\*  
\*\*

Teremos no dia 22 do corrente, uma magnifica festa nautica, promovida pelo C. N. "Francisco Martinelli".

Consta do programma organizza-do caprichosamente, a inaugura-ção do retrato do malgrado guar-da-marinha Francisco Martinelli, no galpão do club, e uma regata em que correrão tres pareos de yoles a quatro remos, sendo que dois de 1000 metros e um de 1500.

Além desse programma, haverá um chá offerecido ás familias dos socios.

Consta que fará parte da festa um pareo de natação.

### Quatro theatros no "front" belga

Por iniciativa e á custa da Rainha Isabel da Belgica, construíram-se já na frente belga quatro theatros para recreio dos valorosos soldados do Rei Alberto.

A inauguração do primeiro, que se effectuou em Abril, assistio a Rainha. No fim do spectaculo, dous soldados, em nome dos seus camaradas, fallando um em francez, outro em flamengo, dirigiram-se á soberana, manifestando-lhe a gratidão e a enthusiastica sympathia de todo o Exercito.

Em seguida, as bandeiras dos regimentos do sector desfilaram ante a Rainha, que se mostrou muito impressionada pelas manifestações de sympathia e de respeito que os soldados lhe tributaram.

Nestes theatros serão representadas, alternadamente, operas, comedias e «vaudevilles,» e exhibir-se-hão pelliculas cinematographicas.

Quando os quatro theatros estiverem promptos á trabalhar, poderão assistir uns dez mil soldados em cada dia de spectaculos, o que representa um poderoso elemento de distracção, tão necessario aquelles que ha quasi quatro annos, dia a dia, luctam, como nunca se luctou, pela liberdade de sua patria.

# O Adeus

*Meu Carlos.* — O nosso casamento já não pôde realizar-se. E' preciso que nós falemos um ao outro, neste instante decisivo para os nossos destinos, com a nobre franqueza, com a serena dignidade de duas criaturas que soffrem. Sim, Carlos. Está desmanchado o nosso casamento. Há razões de ordem moral que me impedem de ser tua mulher. Só hoje as soube. Ouvi-as a chorar e a sorrir, com a alma cheia, ao mesmo tempo, de piedade, de dôr e de ternura. Não venho fazer-te recriminações. A vida é o que é. Os homens são o que são. Tu não és melhor nem peor do que todos: és homem. Devíamos casar depois de amanhã. Tenho aqui, sobre o sofá do meu quarto, o vestido branco de noiva que já não chegarei a vestir. Quanta coragem, quanta força de alma é precisa, meu Carlos, para renunciar, num momento, a um bem que se sonhou toda a vida! Quantas lagrimas custa uma boa acção, meu pobre, meu querido amigo! Eu, que desde creança, ainda com as saias pelo joelho, me acostumei a gostar de ti, a considerar-te, o meu irmão, o meu noivo, o meu marido, o meu orgulho, a minha alma, — com que lagrimas amargas hei-de resignar-me agora a perder-te! Mas é preciso. E' irremediavel. Eu já não podia ser feliz contigo. Ninguem pode ser feliz, construindo a sua felicidade sobre a desventura alheia. Ouve. E' necessario que me oiças com alma, com serenidade, que me ajudes a ser forte, a ser justa, a ser boa. Esteve hoje em minha casa, falando commigo, uma pobre rapariga que tu conheces, e que seria mais bonita do que eu se não tivesse soffrido tanto. Trazia duas creancinhas, uma de colo, outra de anno e meio, muito loira, de olhos muito azues. Quando vi essas duas creanças, Carlos, senti, ao mesmo tempo, o irresistivel desejo de a repellir e de as beijar. Se ellas eram o teu retrato vivo! Durante uma hora, escutei em silencio, com a alma retalhada, as supplicas dessa pobre creatura. E' preciso que uma mulher seja muito desgraçada, para pedir o que ella me pediu, para se humilhar como ella se humilhou. Durante uma hora, tive encostada ao meu seio a cabeça do teu filhinho; sorri e chorei; acariciei e repelli; commovi-me e revoltei-me; mordi e beijei; fui boa e fui cruel; fui caridosa e fui implacavel; — e não sei ainda, meu Deus, ao fim desses sessenta minutos de agonia, qual de nós duas teria soffrido mais. Não, meu Carlos. Reflectamos. Encaremos com dignidade tudo quanto ha de doloroso e de difficil na nossa situação. Se uma de nós duas tem o direito de ser tua mulher, — não sou eu; é ella. E' ella que deve casar contigo. Ella, que te deu dous filhos, que te sacrificou a sua mocidade, que te consagrou a vida inteira, — é que tem o supremo di-

reito de ser feliz ao pé de ti. Eu fui a intrusa. Devo desaparecer da tua existencia. Só ella ficará. Não tenhas pena de mim. Ella é mais bonita do que eu; talvez seja ainda mais tua amiga do que eu sou. Deixo-te, resignada, serena, quasi satisfeita. Tenho a consciencia de que pratiquei hoje a mais nobre acção da minha vida. Compreendendo agora que possa haver a volupia do sacrificio. Adeus, meu amigo, meu amor, meu irmão. Quando te casares, mandarei a tua mulher as minhas joias de noiva. Se outro filhinho nascer depois do teu casamento, quero ser eu a madrinha delle. Será tambem um pouco meu filho. Adeus. Esquece a tua pobre amiga. —  
*Emilia.*

JULIO DANTAS

## Riscos...

... e fico a vêr navios.  
E' um passa-tempo... O mar, por ser sempre o mesmo, é diferente sempre... A's vezes, verde, com franjas de espuma. A's vezes, azul, parado, immovel. Mas tambem, em certas manhãs, é uma cauda de pavão. O mar pertence a um sexo neutro... Evocativo. Scysmarento. Eu gosto do mar pelos navios que andam sobre elle. Páro, horas esquecidas, na areia da praia, olhando as ondas, marujamente, cheio de uma nostalgia que commigo, na minha vida, deixaram os portuguezes meus ancestraes... E fico a vêr navios... Uns, negros, enormes, com exclamações de canos e tils de fumaça. Outros, pequeninos, leves, á ventura das velas, cheios de graça, — como Nossa Senhora... Uns, vão para longe, para os paizes... Outros, vão para a pesca. E todos (é cá uma idéa minha), são inuteis... Por isso mesmo gosto delles, gosto de vel-os passar, em busca do peixe ou da illusão... em todo o caso, em busca da felicidade... Que, no mundo, todos os gestos, todos os impetos seguem nessa direcção...  
Ora ainda bem que escrevi um lugar-commum! Ganhei o meu dia. Posso fumar o meu cigarro...

## Dr. Paula Ramos

Fez annos no dia 27 do mez passado, o sr. dr. Victorino de Paula Ramos. Figura proeminente do scenario politico e parlamentar do Brasil, s. ex. tem, ainda, o seu nome ligado inapagavelmente á historia e ao futuro da nossa terra, pelas incontaveis e impereciveis obras e serviços que nos prestou. Oasis saúda em s. ex, o benemerito amigo e servidor da gente e da terra catharinenses.

## Um dramaturgo catharinense



Toda gente, podemos dizel-o assim, conhece Alvaro Augusto de Carvalho atravez do nome brilhante que elle conquistou na nossa Marinha de Guerra, pelo heroismo com que se portou em 11 de junho de 1865, na memoravel batalha do Riachuelo. E não foi só n'esse dia, que é a maior pagina da historia militar maritima da America; tambem na passagem de Cuevas, quando, fortemente combatido pela enfermidade que, pouco depois, o victimou no Hospital de Corrientes, mandou collocar no passadiço da *Ypiranga* uma cadeira e assim permaneceu no seu posto durante todo o tempo da mortifera acção.

Alvaro Augusto de Carvalho, com cujo nome condecorou o Coronel Moreira Cesar o nosso antigo theatro Santa Isabel, nasceu nesta cidade a 1 de março de 1829.

Depois de ter praticado algum tempo na marinha mercante, matriculou-se na Academia de Marinha a 2 de março de 1847. Era promovido a Guarda-Marinha em dezembro de 1849, em abril de 1852 a Segundo-tenente e a Primeiro-tenente em dezembro de 1856.

Foram seus paes o respeitavel dr. Luiz José de Carvalho e d. Florentina Luiza de Carvalho.

J. B

## A NOTA

Deve apparecer hoje n'esta capital um jornalsinho de estudantes, com o nome que encima estas linhas. Magnifica e feliz idéa.

Oasis felicita ao novel collega, antecipadamente, desejando vida longa e uma estrada de rosas.

São, os que no *cliché* abaixo figuram, braços amigos de "Oasis" os que souberam pedir, á sombra deste coufo, no deserto tenebroso dos nossos ideaes litterarios, apoio e guarida.

Esses são os seus redactores litterarios, seus amigos—os que pedem, á intelligencia moça e generosa, qualquer cousa que faça de "Oasis" a amiga nossa, leitor querido.



Sentados da esquerda para a direita:

Barreiros Filho, Altino Flores, Ivo de Aquino, José de Diniz (Director).

De pé: João Crespo e Clovis de Araujo.

## BOHEMIA TRISTE



Eramos tres em torno á mesa. Tres que a vida  
Na sua trama de illusões urdida,  
Juntou no mesmo affecto e na mesma viuvez  
Um musico, um pintor e um poeta... Eramos tres.

O primeiro fallou: «Veio da melodia  
De um *Nocturno* a mulher que me fez triste assim  
Amei-a como se ama a fantasia  
E ella, sendo mulher, fugiu de mim.  
Hoje tenho a alma como um piano vivo  
Que mão nenhuma acordará, talvez.  
E' por esse motivo  
Que eu sou mais desgraçado que vocês.»

Disse o segundo: «Meu amigo, a sorte  
Não sei dos tres para qual peor.  
A mim levou-me a morte  
O que eu tinha na vida de melhor.  
Era a *Côr*, era a *Força*, era a *Belleza*,  
A estatua humana olympica e pagan,  
Espelho natural da Natureza,  
Nota da fruta magica de Pan.  
Com ella morreu a *Luz*, a *Vida*, a *Côr*,  
Manhã de sol e tarde de amethysta.  
Todo o delirio de um impressionista,  
A palheta e a esperanza de um pintor.»

O terceiro baixou os olhos de vagar,  
Disse um nome baixinho... e não pode fallar

OLEGARIO MARIANNO

# Homenagem da "Oasis"



## Dr. Ivo de Aquino

Intelligencia fecunda e privilegiada; talento rutilo e sempre á disposição do bom nome da Terra querida que é o seu berço, Ivo de Aquino, que, como jornalista atrae e encanta é, por si só, um dos mais promissores talentos da geração hodierna.

"Oasis" sente-se feliz em prestar ao seu generoso redactor litterario e amigo dedicado esta homenagem sincera.



### Tempestade

O mar, sob as nuvens opacas debruçadas de prata pelo sol, que ellas quasi escondem, corre para nós em ondas immensas, furibundas, que vêm arrebear no arco abrupto da enseada. Galopam as linhas de vagas, que se desfazem em cascatas; formam-se de novo em lençoes de aguas glaucas e diaphanas, resurgem, com pennachos de espuma, transpõem pedras colossaes, enchem as depressões dos recifes, penetram nas brechas, escalam os macissos de pedras verdes, tornam a descer em torrentes de espuma, em catadupas ruidosas, para se reunirem, mugindo, ao bando crescente de phantasmas fluidos, que, no horizonte, se precipita de novo de encontro ás co-

lossaes muralhas de granito. E sobem, deitam para cima os seus braços de aguas enraivecidas, e recaem, espadando no meio do turbilhão confuso, de onde se eleva uma nevoa vaporosa...

PAUL ADAM

### Eu sou

um triste. Triste para mim mesmo, para a minha vida interior, para aquella a quem amo.

Eu sou um triste feliz. A minha tristeza consiste no abandono, no silencio e na saudade absoluta que me domina.

Não faço alarde do que soffro, pelo contrario, escondo muito do

mundo essa tristeza. Si não fossem meus olhos humidos e o meu aspecto doentio, os homens me apontariam como o maior dos felizes.

Que elle não saiba nunca a minha historia, pobre historia, onde ha uns olhos de mulher muito lindos e umas mãos maravilhozas que me acenam.

Ali têm vocês o que é a felicidade: um pouco de saudade.

A americana, para quem o *flirt* é um verdadeiro sport, sabe tambem ser *anti-flirtista*, quando lhe convém.

Conta-se o rasgo de uma *miss*, rica e orphã, que tinha o habito de viajar só, protegendo-se por si mesmo contra os ataques do sexo forte.

Um allemão, que se julgava bonito e espirituoso pelo dinheiro que possuia, enamorou-se da americana e perseguia-a por toda a parte.

Advertido uma vez, não se incomodou o allemão e continuou no seu proposito, até que a moça lhe declarou:— O senhor é feio.

Respondeu-lhe a insistencia do allemão: E a senhora é encantadora.

Estabeleceu-se então este dialogo:— O senhor é muito pouco espirituoso, e me desagrada extraordinariamente.

— Pois eu a adoro e iria ao fim do mundo por sua causa.

— Prohibo-o.

— Peça-me antes a vida.

— Seja. Pedirei a meu irmão que o mate.

— Matar-me? E' grave!

— Oh! a perda não será tão grande. Falo sinceramente; si amanhã não tiverem cessado as suas assiduidades, pode considerar-se um homem morto.

No dia seguinte recebia elle um telegramma:

«Sou o irmão daquella que o senhor persegue com as suas assiduidades inconvenientes. Si hoje mesmo não se retirar da cidade, terei o prazer de ir arrancar-lhe os miolos...»

P. S. — Reflecti melhor.

«Para não perder tempo e para evitar os aborrecimentos da viagem, vou escrever a um de meus bons amigos, presentemente em Philadelphia, Robert Grandt, pedindo-lhe que o mate, si for preciso. E' um excellente moço que, estou certo, não me recusará este pequeno favor...»

Os dous amigos eram conhecidos como atiradores de primeira ordem. O allemão mudou-se.

### Cel. Gustavo Richard

Viu passar mais um anniversario natalicio no dia 29 de agosto findo, o estimado e respeitavel cidadão Cel. Gustavo Richard, aquem Santa Catharina deve optimos e relevantes serviços.

Oasis que não esquece os bons, os homens trabalhadores e honrados, felicita ao querido velhinho, pedindo a Deus que espalhe no seu lar a benção divina.

## A mulher

A Mulher deve ser bella, deve ter graças e encantos. Nem todas podem ser lindas, que a formosura não ficou em dote a todas as filhas de Eva; mas todas podem ser bellas. Belleza não é formosura nem lindeza; belleza é o resultado das graças; e toda a Mulher bem educada pôde ter graças; pôde-lh'as dar a educação, pôde reprimir até defeitos do corpo, pôde substituir a formosura e fazer linda a fealdade.

Mães cegas, que vos enlevaes na formosura de vossas filhas e cuidaes que não precisam mais encantos,—mães que choraes sobre a fealdade das vossas, e julgaes que nenhuns attractivos podem ter—voltae d'esse erro fatal a ambas, e tão funesto a umas como a outras.

Se a natureza foi liberal com tua filha, não desprezes essa vantagem; cuida da sua formosura, preserva essa tez delicada, conserva essas mãos finas, cultiva essas rosas de saúde, nutre esse cabello ondeado, molda esse talhe airoso, concerta esse porte elegante. Tua filha será formosa; tanto melhor para ella: com virtude, instrucção e formosura, ha de ser feliz em todo o estado.

Foi á tua escassa ou madrasta a natureza?—não a creias infeliz por isso: em tua mão não está fazel-a formosa,—bella sim.

A educação embrandece pelles duras, amacia mãos asperas, dá graça e doçura a olhos de pouca luz, faz interessante a face pallida e affaveis os labios descórados, poe a bondade de coração na fronte que não é alva, torna elegante o corpo que não é airoso, amavel o que não é lindo, engraçado o que não é formoso. Tua filha ha de ser bella: consola-te, mãe angustiada; cuida de sua educação, vê-a-has adorada, feliz, e preferida a muita formosura.

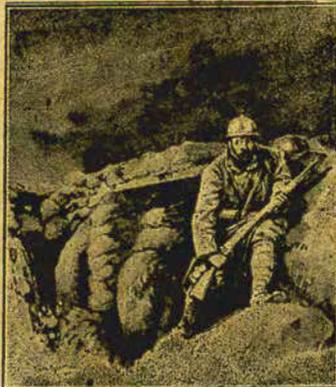
ALMEIDA GARRETT.

## Jeronymo Coelho

O sr. dr. José Boiteux, nosso distincto e illustrado collaborador, muito nos honrou com o offecimento de um retrato do Brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho, inolvidavel fundador da Imprensa Catharinense.

Prestando um culto de saudade a Jeronymo Coelho, Oasis, honrará a sua redacção com o retrato do inesquecivel catharinense.

Somos muito gratos ao sr. dr. José Boiteux.



Um valente soldado de França, de guarda a uma trincheira.

## A philosophia da Rua

ainda é o capitulo mais procurado pelos chronistas e caçadores de impressões. A Rua é a escola do bom humor e das torturas mortaes do spleen...

Eu hontem vi um burro com os olhos vendados por um faixa muito espessa de lona. Era um caminhão de carga e um dos dous animaes, olhando o outro n'aquelle estado, parecia sorrir com superioridade.

E vejam como a vida é! Eu, que, sem a menor duvida sou extraordinariamente superior a ambos, vendo-os n'aquelle estado, um a rir ironico pelo outro ter os olhos tapados, achei muito mais superior a rebeldia do burro privado da vista do que o outro, aquelle burro já pelintra, que se não escandalizava com os automoveis e que, com certeza, sente-se muito feliz e glorioso alli assim nos varaes e de freio à bocca.

Um seria o rebelde, o que protesta contra o seu escravidamento e reclama, aos couces, a sua liberdade, a nostalgia dos campos e dos montes. O outro... um burro desprezível, submisso, que se deixa explorar a troco d'algumas chibatadas e mais duas rações diarias de milho.

E era este que sorria!

Atè os burros são assim!...

## A Patria!...

victorias gloriosas, derrotas heroicas, bellos exemplos de sacrificios e virtudes... E cathedraes, palacios, tumulos... E paysagens que se viu em creança, e paysagens que, mais tarde, emmolduraram horas de alegrias ou de tristeza... E coisas intimas, lembranças, tradições, costumes... E o idioma que nos parece o mais doce... e uma velha canção, um velho proverbio cheio de bom senso... Ah! a patria!... uma rosa que se chama França!... sim, a patria é tudo isso e muito mais ainda!...

MAURICE DONNAY.

## Eduardo Dias, artista

Florianopolis vai festejar neste lindo mez em que começa a risonha e sanguinea Primavera, um modesto e pobre pintor.

Vae ser levado a effeito no theatro Alvaro de Carvalho, um festival em honra e beneficio de Eduardo Dias, nosso apreciado e estimadissimo conterraneo.

Eduardo Dias já se tornou conhecido e estimado pela exhibição de magnificos quadros de um collorido suave.

Infelizmente o modesto pintor nasceu em Santa Catharina.

Filho de outra terra, elle teria cursado escolas superiores, que muito facilitaria a sua arte.

O nosso povo já vae pouco a pouco dando valor ao que é nosso; e, assim, a sociedade de Florianopolis tem prestigiado a idea de uma consagração a Eduardo Dias

Na noite do festival, a commissão promotora das festas em homenagem ao jubileu do grande Ruy Barbosa, vae offerecer ao artista conterraneo, uma linda medalha de ouro.

O festival transformar-se-ha n'uma apotheose de glorificação.

Benedicta idea! Honra ao merito! Oasis mandará a Eduardo Dias, uma braçada de flores.



O Kronprinz Guilherme, da Allemanha, commandante do grupo de exercitos que executaram a grande offensiva do Marne.

## Sete de Setembro

O grande dia-santo da Historia do Brasil será este anno festejado de um modo particularmente solemne pela participação na formatura militar dos atradores do glorioso Tiro 40, dos garbosos marinheiros da Escola de Aprendizes, dos jovens boy-scouts e dos correctos soldados do batalhão do Gymnasio Catharinense.

O prazer é filho do amor; porém é um filho parricida.

Cervejaria ATLANTICA S. A.  
Curityba



A Atlantica é a cervejaria mais nova e a mais moderna do Brasil.

É a que tem a maior maltaria e por isso não tem necessidade de empregar materias nocivas a saude.

A cerveja Atlantica é fabricada exclusivamente com cevada puramente nacional.

Recommendamos as marcas "Atlantica", "Curitybana", "Kosmos" e a medicinal "Culmback"

Unico representante e depositario nesta capital.

*Julio dos Santos Cribari*

Garantia da Amazonia

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde social: BELÉM DO PARÁ

Resumo da Posição Actual

Balanco de 1917

Sinistros pagos.....	12.914:795\$570
Reservas technicas.....	9.440:192\$850
Apolices resgatadas pre- tamente.....	3.066:405\$870
Apolices vencidas durante a vida dos associados.....	4.249:300\$970
Apolices sorteadas.....	1.242:750\$000
Pensões e Rendas Vitalicias...	129:340\$000
Reservas especiaes e sobras...	522:422\$387
Total de beneficios.....	31.565:207\$647

Departamento dos Estados do Sul

Avenida Rio Branco, 22—26

Rio de Janeiro

(Predio Proprio)

Para informações com Eduardo Horn, agente e banqueiro nesta cidade, á rua João Pinto n. 10.

Heitor Blum

Representações e commissões

Caixa—Postal—61—End. tel LABOR

Praça 15 de Novembro, 1

SOBRADO

Agente do Lloyd Brasileiro

Representante da Companhia Mecanica e

Importadora de São Paulo

Saccaria e aniagens—Louça esmaltada—Fabri-  
cantes:—Machinas para lavoura e industrias—

Parafusos, prégos, arruelas e rebites.

Importadores de material electrico e para  
estrada de ferro, etc., etc.

A Economia Domestica

Rua Conselheiro Mafra, 44

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS

Oliveira Carvalho & Cia.

Sal, kerozene, Carne Secca, etc, etc.

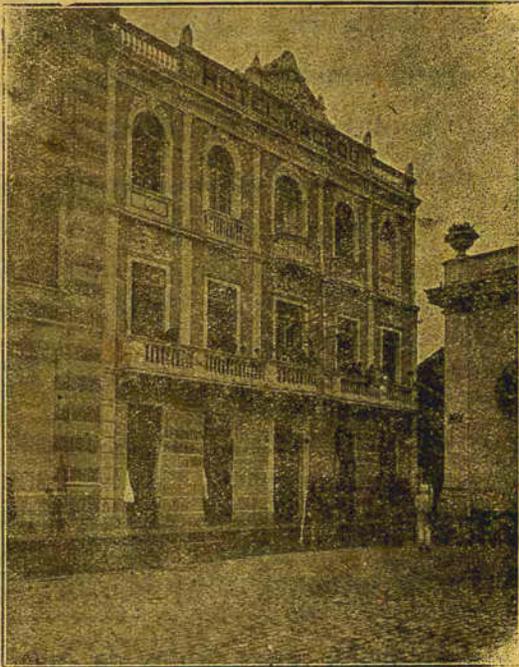
Caixa Postal 13

Teleg. OLICARVALHO

FLORIANOPOLIS

Santa Catharina

## Hotel Macedo



Rua Conselheiro Mafra n. 26

*Estabelecimento modernamente reformado, com dois andares deitando para o mar, dispondo de magníficos aposentos e vastos salões com profusa illuminação electrica*

**José L. de Macedo**

Santa Catharina — Florianopolis — Santa Catharina

## Banco Nacional do Commercio

ANTIGO BANCO DO COMMERCIO  
DE PORTO ALEGRE  
FUNDADO EM 1895

Séde: **PORTO ALEGRE**

Capital . . . . . 10.000:000\$000  
Reserva . . . . . 3.154:716\$910

FILIAES em Florianopolis, Joinville, Laguna, Blumenau (Estado de S. Catharina) em Rio Grande, Pelotas, Santa Maria, Cachoeira, Cruz Alta e Ijuhy) Estado do Rio Grande do Sul  
Agencia em Corumbã (Matto Grosso)

### Secção de depositos populares

(Com autorisação do Governo Federal)

N'esta secção o BANCO recebe qualquer quantia, desde 50\$000 até 5:000\$000, pagando juros 5o/o ao anno, capitalisado no fim de cada semestre. Retiradas até 1:000\$000 podem ser feitas sem aviso.

2—Praça 15 de Novembro—2  
(EDIFICIO PROPRIO)

Caixa Postal, 122—End. Teleg. BANMERCIO

Codigos:—Brasileiro Universal, Ribeiro Two-in-one. A. B. C. 5, edd. e Lieber's.

Filial em Florianopolis Estado de Santa Catharina.

## André Wendhausen & C.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Florianopolis—Filial em Lages—Sta. Catharina

Secção de fazendas, armarinho, miudezas, etc.  
—Secção de ferragens, machinas de toda a especie.  
instrumentos para lavoura, motores, etc. Secção da estivas, kerozene, gasolina.

Deposito de carvão de pedra Cardiff e Americano

AGENTES MARITIMOS

Trapiche para atracação de vapores e navios com armazens para cargas

Correspondentes de diversos Bancos Nacionaes e Extrangeiros

Correspondentes do Banco de Napoli

Remessa para a Italia

Vendedores de Automoveis "OVERLAND"

Tratam da cobrança de ordenados, contas nas repartições publicas, retiradas da Caixa Economica, juros de apolices e dividendos. Encarregam-se da aquisição de quaesquer materiaes para empresas industriaes, redes de agua e esgottos, installações electricas, etc.

## Constantino Garofallis

Commissões, consignações e conta propria

Endereço telegraphico—Garofallis

Florianopolis

Santa Catharina

Exportação de

Importação de

Café, farinha de mandioca, arroz, batatas, feijão e outros productos do Estado.

Vinhos do Porto, conservas, xarque e sal. Especialista em farinhas de trigo.

Agente da empreza de Navegação "Cometa"